

# Promotoria de Enfrentamento à Violência Doméstica entra no caso Neymar

O Ministério Público publicou uma portaria em que designou três promotoras para acompanhar o andamento das investigações do caso em que Neymar é acusado de estupro pela modelo Najila Trindade. Elas estão à frente da operação desde o último sábado e acompanham os depoimentos prestados na 6ª Delegacia de Defesa da Mulher nesta terça-feira.

[\(UOL, 11/06/2019 - acesse no site de origem\)](#)

As promotoras Estefânia Ferrazzini Paulin, Flávia Cristina Merlini e Katia Peixoto foram designadas para o caso e fazem parte da Promotoria de Enfrentamento à Violência Doméstica. Elas disseram que ainda não tiveram acesso ao depoimento de Najila e a algumas provas.

“Nós apenas estamos acompanhando as provas que serão colhidas: provas orais, perícia técnica etc. Ao final, vamos formar nosso posicionamento. Óbvio que todos os crimes que envolvam mulher e violência doméstica são tratados como crime de violência doméstica e correrão na nossa vara”, disse Estefânia Paulin.

Segundo a promotora Flavia Merlini, as provas ainda estão sendo analisadas “Nós estamos aguardando a colheita de toda produção da prova para formar nossa convicção a respeito do caso. A gente ainda não tem. Nós ainda estamos analisando todas as provas, isso será feito coletivamente”.

Neymar é acusado de estupro por Najila após um encontro que os dois tiveram em Paris, na França. A expectativa é que o jogador do PSG compareça à 6ª Delegacia de Direitos da Mulher (DDM) no final desta semana para prestar depoimento.

Esse será o segundo depoimento de Neymar envolvendo o encontro com Najila em Paris. O primeiro aconteceu no Rio de Janeiro, em 6 de junho, quando o atleta falou na Delegacia de Repressão aos Crimes de Informática por causa do vazamento de imagens íntimas da modelo no Instagram do jogador.

Na ocasião, o carro onde o jogador estava foi cercado por jornalistas e crianças que queriam ter a oportunidade de ficar perto do astro do futebol.

Ontem, Danilo Garcia de Andrade, advogado de Najila, decidiu deixar o caso após a modelo não entregar a íntegra de um suposto vídeo, citado como peça importante contra Neymar. A acusadora afirma que a gravação está em um tablet rosa que teria sumido de seu apartamento. Até o momento, foram exibidos 66 segundos de uma gravação que teria sete minutos.

*Felipe Pereira e Karla Torralba*

---

# Articulação de Mulheres Brasileiras em apoio ao Cladem e a todas as vítimas de estupro e violências sexuais

A acusação de estupro contra o jogador Neymar veio à tona por meio da sua própria rede social. Onde o jogador expôs ao público, sem autorização, fotos e conversas íntimas da estudante e modelo que o acusa. Com isso praticou crimes já tipificados na Lei de número 13.772/2018, demonstrando sua irresponsabilidade com o público infantil que o segue, além de seu ódio mesquinho ao praticar “pornografia de vingança”.

**(Articulação de Mulheres Brasileiras, 09/06/2019 - acesse no site de origem)**

Desde esse momento todas as mulheres e meninas e, em especial, as que já sofreram abusos e violências sexuais estão expostas à traumas e sofrendo com o escárnio público, os julgamentos impiedosos e a falta de solidariedade.

A violência sexual no Brasil ainda é silenciada e naturalizada, apesar das proporções epidêmicas. Segundo o Atlas da Violência de 2018 (dados de 2016) são 1.370 estupros por dia. Apenas 10% desse tipo de crime chegam a ser denunciadas. Os motivos vão além da incapacidade do sistema de justiça em acolher as vítimas sem julgamentos e sem revitalizá-las com violências institucionais. É conhecido que a violência sexual neste país foi utilizada largamente como arma de guerra pela colonização e pelo sistema de escravidão.

Pior ainda: para o IPEA, dados de 2011, 70% das vítimas são crianças e adolescentes, grande parte sofrendo o abuso em sua própria residência. Para enfrentar essa cultura, são necessárias mudanças estruturais na sociedade. E mesmo que as políticas públicas mais básicas, como a educação não sexista e pela igualdade de gênero nas escolas, enfrentem oposição organizada de grupos fundamentalistas religiosos, elas são possibilidades reais de enfrentamentos.

Lamentamos que a Cultura do Estupro esteja sendo alimentada, ainda mais, pelos interesses econômicos em jogo no caso das acusações contra o jogador Neymar. E, como consequência, assistimos nas redes sociais e nos comentários do dia-a-dia piadinhas que julgam a sexualidade, a liberdade, a honestidade e o caráter da suposta vítima. E, de tabela, nos atinge a todas.

Temos certeza que nenhuma mulher ou menina deve sofrer o julgamento público por procurar denunciar uma violência sofrida. Não sabemos se a denúncia é verdadeira ou falsa e acreditamos que toda a pessoa tem o direito ao devido processo legal, a presunção de inocência, assim como o contraditório e a ampla defesa.

É assustador o cinismo da crença que um jogador rico, famoso e poderoso que apoia escrachadamente o discurso ofensivo às mulheres, não fosse capaz de realizar tal ato. As acusações sobre a suposta vítima, como “maria chuteira”, que deseja indenização, revelam a crueldade arraigada na sociedade e a falta de solidariedade, em não perceber o quanto é dolorosa tal situação.

Além disso, a difusão mentirosa que existem muitas denúncias falsas de estupro prejudica,

mais ainda, a prevenção, a busca por justiça e a reparação das vítimas, servindo apenas aos interesses dos estupradores e criminosos. O Brasil não possui dados sobre falsas alegações de estupro.

Sobre o projeto de Lei número 3369/2019 chamado de “Neymar da Penha” que pretende agravar a pena por “denúncia caluniosa”, qual o interesse em silenciar denúncias? Repudiamos tal oportunismo nefasto e de um cinismo cruel que serve apenas para aumentar os índices de impunidade relacionados às violências sexuais no Brasil.

Pesquisas da Europa, “The (In)credible Words of Women: False Allegations in European Rape Research”, demonstram que as falsas alegações de crimes sexuais não são mais frequentes que os registros inverídicos de outros crimes, uma média que varia de 5% à 8%.

Já da defesa de Neymar em cooptar uma advogada que teve sua atuação profissional ligada ao feminismo com o objetivo de desmerecer, mais ainda, a palavra da suposta vítima, também é preciso repudiar. É tão evidente que a contratação da mesma não aconteceu por seus atributos pessoais, competência e desempenho. Mas, essencialmente, por ser reconhecida como Advogada Feminista. Nada mais conveniente para um acusado de estupro.

Compreendemos que a profissional tem o direito de assumir a causa que lhe convêm, mas não tem o direito, nem legitimidade de usar a luta feminista como status, em proveito econômico próprio e em detrimento da defesa simbólica de todas nós mulheres, hoje julgadas como mentirosas, levianas e desonestas. Para defender o jogador Neymar um homem rico e famoso, apoiado por marcas multinacionais e por toda grande mídia, a advogada abandona o feminismo e passa a trabalhar em favor do patriarcado que se utiliza de mulheres como instrumentos para manutenção de seu poder capitalista.

Ainda que ela, coerente com a postura que prega, doasse seus honorários milionários a entidades pró vítimas da violência sexual, não conseguiria reverter o impacto da violência simbólica que sua atitude provoca em milhões de mulheres. Hoje mais vulneráveis e expostas a um tribunal patriarcal que nos divide em santas e putas e desencoraja, especialmente as mulheres pobres, a denunciarem seus agressores.

No sentido da resistência e do respeito entre mulheres feministas, apoiamos integralmente o Comitê da América Latina e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher - CLADEM/Brasil, que adotou uma posição coerente com o feminismo, pois sabemos a enorme diferença entre respeitar o exercício da advocacia e corroborar com estratégias oportunistas e publicitárias do jogador.

Feminismo não é um atributo individual. É uma prática. Não cabe utilizá-lo como justificativa para uma profissional assumir um caso com evidentes contornos sexistas, com enorme desigualdade de poder entre as partes e onde a suposta vítima está sofrendo uma enorme criminalização moral e exposição ao vexame público. Mais grave, ainda, é que todas nós mulheres também estamos sendo atacadas em nossa dignidade, quando o assunto toma essa dimensão social de ataque a quem denuncia.

Infeliz da sociedade brasileira que ainda não compreendeu a tragédia que nos assola e continua a culpar a vítima pela violência sofrida. Aqui do mesmo modo que em países teocráticos a vítima de estupro recebe uma pena simbólica de chibatadas públicas. A diferença é que não se assume os horrores, os danos perpetrados em nossos corpos e em nossas almas e se finge alguma humanidade e empatia.

Por isso prestamos solidariedade a todas as pessoas que foram vítimas de estupro e violências sexuais e dizemos a cada uma: os feminismos não soltam a mão de ninguém!

Basta da Cultura do Estupro!

Queremos um mundo livre de violências! Por mim, por nós e pelas outras!

Brasil, 09 de junho de 2019

Articulação de Mulheres Brasileiras - AMB.

---

## **Opinião: Integrantes de movimentos feministas analisam ‘caso Neymar’**

*Polêmica envolvendo Neymar e a modelo Najila Trindade gerou diversas opiniões nas redes sociais*

**(O Estado de S.Paulo, 08/06/2019 - acesse no site de origem)**

A polêmica envolvendo o atacante Neymar e a modelo Najila Trindade rendeu diversas opiniões nas redes sociais. Neste cenário, o Estadão ouviu integrantes de movimentos feministas que analisaram a repercussão do episódio.

Najila acusou Neymar de estupro, e o caso está sendo investigado. No último fim de semana, o atacante divulgou em seu Instagram parte das conversas que teve com a modelo e prestou depoimento sobre crime virtual, porque imagens íntimas de Najila foram expostas. A polícia cogita acareação entre os dois.

**VEJA ABAIXO AS OPINIÕES:**

**Carla Vitória, advogada e integrante da Marcha Mundial das Mulheres:**

“Esse episódio mostrou como a opinião pública sobre a percepção do que é estupro não está consolidada. A sociedade e as redes sociais viraram um grande tribunal popular. Outro ponto é que durante muitos anos tinham a ideia de que se uma mulher usar roupa curta, topar tomar uma cerveja com um cara ou, como no caso da modelo, ela aceitar ir até Paris com tudo pago, é sinal de que ela é obrigado a fazer algo. A violência sexual pode acontecer até quando ela iniciou a relação e resolveu parar. Dentro da nossa ideologia patriarcal, a mulher é um objeto para o homem.

A sociedade tem um uma dupla moral sexual. Ela tende a sempre taxar a mulher como uma santa, que não sabe nada ou uma ‘vadia’ que tem interesse escusos e quer enganar o homem. A sociedade não vê a mulher como alguém que tem vontade e limites. É comum na violência com a mulher que ela seja desacreditada até mesmo por delegadas.

Independentemente de ter ou não acontecido o estupro, já sabemos que houve um crime que foi divulgar as imagens dela e as conversas. Isso se chama pornografia de vingança. Ele mesmo criou a prova contra ele. Sabemos que o mundo é machista e o que mais me assusta é que o Brasil está ficando mais machista. Quando a gente tem um presidente da República que se posicionou favorável ao jogador, vai criando uma permissividade perigosa. Estamos vivendo uma reação conservadora muito forte.

Tudo isso não ganhou destaque por ser o Neymar. Recentemente tivemos casos de mulheres famosas, algumas globais (artistas da TV Globo), que tiveram fotos íntimas divulgadas e elas é quem foram julgadas pelo público. O machismo atinge todas as mulheres, independente da cor e da renda familiar. Claro que dependendo da raça e da classe social, o preconceito é ainda maior.”

**Maíra Liguori, diretora da ONG Think Olga:**

“Eu olho esse caso a partir de uma perspectiva feminista por dois caminhos. O primeiro é o benefício da dúvida, que é muito mais estendido e amplamente defendido para o homem do que para a mulher. A palavra dela é colocada à prova, a postura dela é julgada, o olhar sobre ela é de crítica, sempre em dimensões maiores do que quando se refere a ele. Ainda existe um inquérito em andamento, mas o “tribunal da sociedade” já deu conta de que ela é interesseira, que está atrás do dinheiro dele, que fez tudo isso armado.

Então é uma narrativa muito fácil de ser construída porque é um modus operandi, a forma clássica de culpabilização da vítima. É muito mais fácil desqualificar o que ela está dizendo e colocar o homem em um lugar mais “protegido” do que duvidar da postura dele também. Será que ele de fato não cometeu esse crime? Existe uma ânsia tão grande em livrar a cara do agressor, do homem, só porque ele é homem. Isso é uma tendência.

O segundo ponto é a camaradagem. A gente está falando de homens defendendo homens. Como temos mais homens ocupando os espaços de poder e de expressão, pois estamos falando de grandes times, de empresários, de patrocinadores, ou seja, estamos lidando com um mundo que movimenta muito dinheiro cuja imagem deteriorada do Neymar implica em prejuízo financeiro, então existe por parte de todos os atores envolvidos um interesse muito grande em protegê-lo.

A abordagem é sempre na linha de que ele é coitado, que é só um menino, que não pode ser responsabilizado, que foi vítima de um golpe porque é rico, como se isso o colocasse acima de qualquer suspeita. Então existe esse acordo de cavalheiros, que funciona muito bem. Na maioria das vezes, quem conta a história são os homens, que são os donos da narrativa, então fica difícil fazer a voz da mulher ser levada em conta.”

**Cristina Lima, secretária executiva da Universidade Livre Feminista:**

“Esse caso é bem emblemático. Como sempre, nós, mulheres, somos questionadas. As pessoas querem ditar o que fazemos. Pode ser que esse caso tenha uma repercussão para as mulheres, mas não acho que vai ser positivo para os movimentos feministas, porque vi que muitas mulheres até aprovam a conduta dele (Neymar).

Claro que tudo deve ser apurado, mas sabemos que vivemos em uma sociedade machista, patriarcal, que condena as mulheres, e isso é bem complicado.

Uma outra questão desse caso que me preocupa é que para ele se livrar de uma acusação, usou um recurso que é considerado crime (divulgação de conversas e imagens íntimas). Ele reagiu dessa forma, e mais uma vez o corpo das mulheres fica com esse tipo de evidência.”

---

## [Caso Neymar gera onda criminosa na internet de glorificação a goleiro Bruno, por Nina Lemos](#)

A modelo Eliza Samudio foi assassinada em 2010, aos 25 anos. Segundo a investigação, o crime teve participação direta do goleiro Bruno (então jogador de destaque do Flamengo, com quem namorou e teve um filho). Depois de ser convidada por Bruno a ir a um sítio, ela teria tomado uma coronhada, foi asfixiada e, depois, esquartejada. Para finalizar a barbárie, os assassinos contratados por Bruno teriam jogado seus ossos para cachorros.

[\(Universa, 07/06/2019 - acesse no site de origem\)](#)

Esse é um dos mais emblemáticos crimes contra a mulher da história do Brasil. Bruno foi condenado a 23 anos e meio por homicídio triplo qualificado e sequestro. Houve um julgamento. Não se trata de suposições.

A história arrepia qualquer pessoa mais ou menos sensível. E arrepia mais ainda ver que, em 2019, um assassino condenado e perigoso como Bruno virou piada na Internet. E muitas pessoas dizem... “sentir falta do goleiro Bruno.”

Sim, isso está acontecendo. O ex-goleiro Bruno foi resgatado nos últimos dias por conta do caso Neymar (acusado de estupro). Memes e piadas pela internet afora dizem que Neymar é Nutella, Bruno raiz. Alguns dizem que Neymar devia ter agido como o goleiro Bruno. Ou seja, estão incitando o assassinato de mulheres, assim, livremente. E tem até mulher rindo dessa piada.

Não estou aqui falando sobre o caso Neymar, que vai ser julgado dentro da lei. O que choca, muito, é ver pessoas aclamando um assassino cruel. Para

algumas pessoas do Brasil, um criminoso desse grau é um exemplo a ser seguido.

Alguns posts sobre a acusadora de Neymar, Najila Trindade, exibem fotos de cachorros violentos com mensagens do estilo: “é assim que se trata essas marias chuteiras.” Não vou reproduzir os outros aqui para não espalhar o ódio, mas basta dizer que alguns desejam o mesmo que aconteceu com Eliza para a moça que acusa Neymar. Tudo isso com muitas risadas.

### **Apologia ao crime**

O blog enviou alguns dos posts e memes para o advogado Iberê Bandeira de Mello para

entender se escrever essas coisas é crime ou não. Segundo ele, nos tuítes que pregam diretamente que a acusadora seja morta se enquadram no artigo 286 do código penal como Incitação ao Crime. “Isso configura incitar publicamente a prática de um crime”, ele explica. A pena pode ser detenção de 3 a 6 anos de detenção ou multa. Os que apoiam o goleiro Bruno podem se enquadrar no artigo 287, que trata de “Apologia ao crime ou criminoso.” A pena é a mesma.

“Todos são crimes de código penal”, ele explica. Ou seja: na sua piada, no seu meme, você pode estar praticando, sim, um crime. “A parte atingida teria direito, sim, de denunciar e pedir indenização”, explica Iberê.

De acordo com o advogado criminalista Anderson Lopes, essas mensagens se configuram como “difamação”. Algumas delas, as que pregam a morte, “são de apologia ao crime mesmo”. Além disso, segundo ele, elas não se encaixam nas políticas das redes sociais, que tentam banir esse tipo de conteúdo criminoso. “As pessoas precisam fazer denúncias para a rede social, denúncias em massa, porque só assim esses perfis serão excluídos”, recomenda.

Além de crime, claro, essas manifestações de “apoio ao criminoso” são uma falta de respeito gigantesca com a memória de Eliza e de sua família. Sim, ela tem uma mãe, que cuida do seu filho, que sobreviveu a essa tragédia terrível e vai ter que lidar com o fato do pai ter matado a mãe pelo resto da vida.

## **Ídolo?**

Vale lembrar que quando o goleiro Bruno foi solto, por um curto período, em 2017, ele foi contratado por um time de futebol. No dia de sua estreia, foi intensamente fotografado e recebido por fãs. Alguns pais levaram, inclusive, seus filhos para tirarem foto no colo de... um assassino. Sim, ele era um grande esportista. Quem entende de esporte fala que ele teria uma carreira brilhante pela frente... Mas ele é um... assassino condenado, que agiu com requintes de crueldade.

Não existe graça nem na idolatria aos fãs de Bruno (que, se gostavam do seu futebol, já deviam ter entendido que o ídolo tem não só os pés de barro, mas as mãos sujas de sangue) nem nas piadas. É imperdoável.

Respeitem a Eliza Samudio e todas as outras vítimas. São muitas. Para lembrar: entre 1980 e 2013, mais de 100 mil mulheres foram mortas por feminicídio no Brasil e os números têm subido. Parem de alimentar o ódio e, com isso, correr o risco de aumentar ainda mais as estatísticas!

*Nina Lemos é jornalista e escritora, tem 46 anos e mora em Berlim. É feminista das antigas e uma das criadoras do 02 Neurônio, que lançou cinco livros e teve um site no UOL no começo de 2000. Foi colunista da Folha de S. Paulo, repórter especial da revista Tpm e blogueira do Estadão e do Yahoo. Escreveu também o romance “A Ditadura da Moda”.*

---

# De advogado ao presidente, narrativa machista do caso Neymar reforça estereótipos sobre a mulher

*Relatos na mídia sobre a acusação de estupro tiveram protagonismo masculino e revelam “companheirismo perverso” para desqualificar a mulher que admite ter encontrado o jogador por sexo, apontam especialistas*

**(El País, 06/06/2019 - acesse no site de origem)**

São de homens as principais vozes que têm contado os desdobramentos da [acusação de estupro contra o atacante Neymar](#) Júnior na imprensa brasileira. Da primeira declaração pública feita pelo pai do jogador sobre o caso em um programa de televisão até as mais recentes repercussões com autoridades do futebol e figuras públicas, se construiu uma narrativa predominantemente masculina e também cheia de machismos. Segundo especialistas mulheres, o caso —já marcado por estratégias em que tanto o jogador quanto a moça que o acusa chegam aos limites de suas liberdades individuais ao expor o outro para defender a própria honra— foi levado pelos próprios protagonistas a um “tribunal das redes sociais”. E, independentemente do que apontem as investigações oficiais no futuro, a forma como o caso foi tratado por diferentes setores da sociedade e pelo casal envolvido já vem gerando outras violências e reforçando estereótipos de gênero ainda latentes no Brasil [pós-primavera feminista](#).

Nos últimos dias, o caso concentrou uma [enxurrada de declarações públicas](#), a maioria delas reforçando uma cultura machista na qual a mulher que denuncia uma agressão tende a ter sua credibilidade questionada automaticamente, antes de qualquer investigação. O primeiro posicionamento oficial sobre a denúncia ficou a cargo do pai do jogador, Neymar Santos, e ocorreu no último sábado, mesmo dia em que a imprensa começou a noticiar a denúncia contra o atacante do PSG. Em entrevista veiculada na televisão, ele disse que o filho teria sido alvo de uma armadilha. Neymar pai negou o estupro e afirmou que a mulher vinha tentando extorqui-lo para não registrar o boletim de ocorrência. Recebeu apoio de José Luiz Datena, jornalista que o entrevistava e que [já havia sido acusado de assédio sexual por uma colega de trabalho](#). “É difícil você segurar a menina dentro de casa”, declarou o jornalista, pouco antes de divulgar ao vivo o nome da mulher que havia denunciado o jogador de futebol. A identidade dela até então havia sido preservada pelas autoridades policiais.

**Leia mais: OAB critica ex-advogado da mulher que acusou Neymar de estupro (Catraca Livre, 04/06/2019)**

Dois dias depois, declarações do ex-advogado da mulher colocaram mais lenha na fogueira: José Edgar Bueno disse que a primeira versão dela foi de que teria havido agressão durante o sexo e não estupro. O presidente da [Confederação Brasileira de Futebol](#), Rogério Caboclo, também se manifestou sobre o assunto. Com um sorriso no rosto, garantiu que Neymar seria mantido na Copa América após o escândalo e, sorrindo, falou em “manter a naturalidade”, além de evitar que “notícias de fora prejudiquem o ambiente da Granja Comary”. Na noite desta quarta-feira, foi a vez do presidente [Jair Bolsonaro](#) entrar na narrativa. Em uma



entrevista que concedeu no interior de Goiás, prestou solidariedade a Neymar pelas acusações e disse acreditar na inocência dele. “É um garoto. Está num momento difícil, mas acredito nele”, afirmou.

“Uma série de profissionais tanto da imprensa quanto do futebol nesse momento se manifestam com um companheirismo [a Neymar] que é perverso”, analisa Amanda Kamanchek, editora da ONG feminista Think Olga. Ela diz que este “reforço dos homens” é comum nas repercussões de casos de [violência de gênero](#). “Independentemente das pessoas saberem o que de fato aconteceu porque só os dois envolvidos estavam naquele momento, já saem em defesa [do acusado] e reforçam o que a gente chama de *brodagem* entre homens”, afirma. Esses posicionamentos, considera, ressaltam a relação desigual em diferentes esferas de poder, na qual os homens se colocam como superiores. E, independentemente do que possam concluir as investigações da esfera judicial no futuro, podem gerar novas situações de violência contra a mulher que denuncia uma agressão.

“Ela teve o nome divulgado e pode receber ameaças. Também já tem um monte de gente tirando conclusões sobre a imagem dela. É extremamente irresponsável [a cobertura da mídia neste caso], porque cria outras violências a uma vítima que já está fragilizada”, declara Kamanchek. A exposição do caso tanto na imprensa quanto nas redes sociais respingou também na rotina do filho da mulher que fez a denúncia. A criança teria deixado de frequentar a escola por conta da repercussão do caso, conforme contou o pai dela à imprensa na última terça-feira.

Denúncias como a que agora envolvem Neymar [não são raras no futebol](#) e, quanto retornam aos holofotes, costumam retomar o debate sobre o machismo em um espaço muito masculinizado. “A opinião toda em torno do caso traz uma imagem geral como se, sempre que houver uma jovem atrás de uma celebridade, ela está disponível e disposta a assumir qualquer consequência. Não é assim. Temos que entender que ninguém está acima da lei”, afirma a advogada Patrícia Peck. Ela diz que a superexposição tanto da mulher que faz a acusação quanto do jogador denunciado pode prejudicá-los no andamento das investigações e de um eventual processo que aconteçam na esfera adequada para isso, que é a Justiça. “Aparecem contradições e há exposição de indícios que deveriam ser apresentados só depois porque causam interpretações prévias, e a opinião pública já vai gerando um juízo de valor”, explica.

A advogada se refere à [estratégia usada pelo casal](#) envolvido no caso para defender o próprio ponto de vista. Sob o argumento de provar a sua inocência diante de uma acusação grave como a de estupro, Neymar usou suas redes sociais e expôs a milhões de seguidores as conversas íntimas que trocou com a mulher, incluindo as imagens de corpo que ela havia compartilhado com ele por Whatsapp. O jogador também fez questão de frisar no vídeo que publicou na Internet que ambos haviam trocado mensagens no dia seguinte ao suposto estupro (que ele garante ter sido sexo consensual). A divulgação desse conteúdo acabou gerando uma nova investigação contra o atacante com base na recente [lei 13.718](#), aprovada no ano passado, que estabelece como crime a divulgação de foto, vídeo de nudez ou cena de sexo sem o consentimento da pessoa. Em contrapartida, a mulher que acusa o jogador anunciou dispor de imagens feitas sem autorização de Neymar que provaria sua versão dos fatos.

“Como a gente vive em uma era de muita exposição, as partes se veem reféns e acham que, se não expuserem todos os dados que possuem, serão condenadas no tribunal da Internet”, diz a advogada Patrícia Peck. Para Amanda Kamanchek, a estratégia da exposição é condenável e pode trazer graves consequências a vítimas de violência de gênero, como depressão, abandono

do trabalho e até suicídio. “Acaba colocando os dois, mas principalmente a mulher, em situação de exposição e outras violências. E nisso a questão social e o machismo se manifestam. Essas divulgações massivas tendem a colocar a mulher como objeto e desqualificá-las”, afirma. Nesse contexto, aponta, mesmo a desigualdade entre homens e mulheres em relação à expressão do desejo sexual é colocada em evidência. Ou seja, o próprio fato de a mulher manifestar ter tido vontade de se relacionar sexualmente com o homem é visto como algo negativo. Algo que não acontece com o homem. “Isso é extremamente desumanizador. Independentemente do que se conclua sobre o caso, a narrativa pesa muito mais contra a mulher. Acaba que as narrativas dela e dele não têm o mesmo poder que teriam no tribunal”, diz.

Casos como este põem em evidência como o machismo muitas vezes é reforçado no mundo do futebol. Desde cedo, jogadores são formados sob uma cultura que prega a virilidade como marca de um craque. A psicóloga e coach esportiva Laís Yuri, que trabalha há 11 anos em clubes de futebol, diz que os jogadores estão desde as categorias de base imersos em um ambiente onde tanto é comum os atletas se aproveitarem do status de jogador para começar relacionamentos quanto mulheres que buscam uma atenção social e financeira viabilizada pelo glamour em torno do esporte. Ela diz que há psicólogos nos clubes que tentam trabalhar essa questão tanto com uma orientação individual quanto com palestras. “O clube de futebol é um ambiente extremamente masculino, mas não é o único ambiente machista. Entendendo isso, trabalhamos dentro dos clubes por uma postura nova em relação à mulher, para que ela não seja tratada como objeto”, explica.

*Beatriz Jucá*

---

## **O que o caso Neymar diz sobre a cultura do estupro?, por Mailô de Menezes Vieira Andrade**

O jogador mais importante da seleção brasileira de futebol foi acusado de estupro no último final de semana. Para se defender das acusações, Neymar Jr., orientado por advogados e pelo seu pai, veio a público, fazendo uso de um expediente contumaz - e, diga-se, muito eficiente -, para afirmar sua inocência: reputar a denúncia como “falsa” e a mulher que a fez como mentirosa.

**(Justificando, 04/06/2019 - acesse no site de origem)**

Eis, portanto, a narrativa: o encontro foi consensual e a relação sexual também. Não houve violência. Há uma explícita tentativa empreendida pela mulher de extorquir e, mais que isso, destruir com a reputação destes homens. Ela se apoia, é claro, em estereótipos femininos (mulher mentirosa, interesseira, vingativa) e poucos subsídios fáticos lhe conferem sustentação.

Inclusive, já a vimos muitas vezes. Para citar alguns exemplos famosos na mídia, destaco que Bill Cosby, hoje condenado por vários estupros, alegou isto em sua defesa. Mike Tyson, também condenado pelo crime ainda nos anos 1990, afirmou o mesmo em seu processo. Robinho, que ainda recorre da condenação em primeiro grau, igualmente.

Não tardou em aparecer aqueles prontos a defendê-lo, inclusive referenciando o seu caráter, como acontece toda vez que um caso de estupro vem à tona. O princípio da presunção de inocência logo é acionado, inclusive por figuras que não se orientam por seus preceitos, tal como o apresentador de programa policial, Datena (o que causa, sim, certo estranhamento).

Nesse cenário, questiono o seguinte: afinal, a quem interessa compactuar pelo silenciamento e interditar qualquer discussão sobre violência sexual, ou, ainda sobre consentimento, e aniquilar socialmente (e, porque não, subjetivamente) as vítimas? Porque é esta a estratégia de defesa adotada: absoluta destruição daquela vítima de forma tão contundente que seja capaz de impedir que outras mulheres, em circunstâncias idênticas ou não, denunciem também. Não basta provar a sua inocência, é preciso demonstrar, por meio da disputa de narrativas que se dá no processo criminal, que os custos de se recorrer à justiça são por demais altos para as mulheres.

É a isto que me refiro como pacto patriarcal, que se movimenta em favor do sufocamento da discussão e silenciamento da narrativa de violação, que opera rapidamente, e, sustentada por mitos repetidos (historicamente) a exaustão, transforma a vítima, que ousou romper com a ordem patriarcal e denunciar uma violência imposta contra si, à ré. É ela que passa a ser julgada por quem é e pela sua conduta e não o agressor. Forjado às custas das experiências de violação narradas por mulheres, este pacto é abraçado, inclusive, por tradicionais juristas das ciências criminais, que logo se apressam em defender seus iguais - os homens.

Entretanto, este pacto se apoia em um imaginário social difundido em torno do crime que promove mitos do estupro já rechaçados tanto pela teoria feminista, quanto pela criminológica, e compõe um cenário de interdito da discussão acerca da violência sexual por meio do silenciamento das mulheres vitimadas, ao mesmo tempo em que desresponsabiliza agressores.

Os mitos e estereótipos do estupro são acionados e transcendem a tênue fronteira do senso comum para alcançar o funcionamento das instituições estatais. Aliás, é nos contornos deste movimento de desqualificação da experiência e da narrativa das mulheres vitimadas que as feministas têm trabalhado com a noção de cultura do estupro. A categoria é referenciada para indicar que o estupro não é tão repudiado quanto parece ser; em verdade, ele é tolerado, incentivado e até perdoado. Logo, vivemos em meio a uma cultura de condescendência com a agressão sexual.

Contrariando os principais mitos em torno do estupro, em mais de meio século de investigações em vários países do mundo, inclusive no Brasil, as pesquisas indicam que: i) a violência sexual não é excepcional, mas cotidiana na vida de muitas mulheres e crianças; ii) o crime de estupro é subnotificado e existem mecanismos que se engrenam para impedir que sejam informados às autoridades; iii) homens que estupram podem (e muitas vezes tem) outros comportamentos tidos como aceitáveis pela sociedade; iv) a violência sexual não é cometida por homens doentes, desviantes, mas por homens considerados comuns e normais pelo senso comum; v) a sexualidade masculina não é incontrolável; vi) o estupro não é movido por lascívia ou desejo sexual, mas é instrumento de exercício de poder masculino e, desta forma, atua para manter as mulheres em situação de medo constante.

Para além destes, há aqueles que promovem um falseamento da realidade se fundando em estereótipos do comportamento femininos que desconsideram a real experiência de violência sexual e interagem levando a construção tanto do estereótipo de estuprador, quanto da vítima ideal, a mulher honesta, ao mesmo tempo que em que oferecem uma explicação causal para o estupro, eximindo de responsabilidade os agressores: i) as mulheres são provocadoras ou corresponsáveis pela violência infligida contra si; ii) não resistiram de maneira suficiente; iii) o estupro acontece somente entre estranhos; vi) mulheres “decentes” não são violadas; v) deve ser constatada violência física e resistência corporal da vítima; vi) falsas alegações de estupro são comuns, motivadas sobretudo por vingança ou arrependimento.

É importante pontuar que não se nega, aqui, a existência de falsas denúncias de estupro, assim como de qualquer outro delito. Entretanto, fato é que dados sobre alegações falsas de estupro são, além de escassos, desconhecidos. Investigações feministas realizadas na Europa e Estados Unidos afirmam que falsas alegações de estupro não são mais frequentes que registros inverídicos de outros crimes, uma média que varia de 5% à 8% (KELLY, 2010; LISAK et al, 2010).

Deste modo, o espectro com frequência invocado pela mídia e por homens em situação de poder sendo falsamente acusados de violência sexual e sofrendo com o escárnio da exposição pública não é corroborado por tais análises, ao contrário, o que temos é um alto índice de casos de estupro reportados com um baixo percentual de condenações[2] e um escrutínio da mulher vitimada, e não do agressor. Nesse sentido, diversas pesquisas brasileiras apontam uma divergência entre os casos registrados na polícia para aqueles que chegam ao Judiciário, fulminando em decretos condenatórios (MACHADO, 1998; PIMENTEL, SCHRITZMEYER, PANDJIARJIAN, 1998; ANDRADE, 2005; COULOURIS, 2010; ANDRADE, 2017, 2018).

Uma série de outras pesquisas apontam, ainda, que o processo criminal envolvendo o crime de estupro é violentíssimo com as mulheres; o julgamento dos casos de estupro são experiências profundamente perturbadoras para as vítimas, pois ele o é (desde a fase policial) um processo de desqualificação das mulheres e uma celebração dos valores falocêntricos, relativos à exacerbada sexualidade masculina que distorcem a noção de consentimento e minimizam as violências sexuais.

Além da demora dos tramites processuais, estas mulheres que já sofreram com a violação sexual sofrem, agora, com o funcionamento do poder punitivo estatal, na medida que o processo exige laudos técnicos invasivos, repetições de depoimentos nos quais elas tem suas narrativas colocadas em constante suspeita, são questionadas sobre que roupa usaram, se eram virgens, se resistiram de maneira suficiente, se tem algum motivo para promover uma falsa acusação. Não será a vida do acusado aquela a ser revirada de cabeça pra baixo na investigação criminal, será a da mulher que registrou a ocorrência - como o caso Neymar muito bem nos revela.

Este caso é emblemático para observarmos como a violência contra as mulheres é legitimada por meio de uma implícita cumplicidade masculina tecida entre a sociedade patriarcal, juristas, advogados, delegados, promotores, juízes e, provavelmente, por estupradores. Não estou aqui conferindo ao jogador o estigma de culpado sem o devido processo legal, mas recorro ao seu caso para demonstrar o funcionamento perverso dos julgamentos - estes sim, sem garantias processuais - que recaem sobre mulheres que registram ocorrência de violência sexual.

Não há ganhos em ser vítima de violência sexual numa sociedade patriarcal - e ter

conhecimento do modo de atuação do sistema de justiça criminal em relação a tais crimes é fundamental para esta percepção. As perdas, por outro lado, são muitas.

No mais, independente do desfecho criminal do caso, a esperança é que a notoriedade do jogador de futebol ora investigado por estupro traga, não o interdito, mas a possibilidade de discussões sérias sobre o tema, sobre a existência de um pacto patriarcal, sobre vivermos em uma cultura do estupro, sobre violência sexual e os limites do consentimento - debates estes pautadas em dados fáticos e não em mitos - inclusive e sobretudo no âmbito das ciências criminais.

**Mailô de Menezes Vieira Andrade** é mestra em Direito pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Pará e advogada.

---

## [O escândalo de Neymar às vésperas da Copa América: acusação de estupro, intimidade exposta e machismo](#)

*Em seu momento mais crítico, craque da seleção rouba a cena novamente ao direcionar holofotes do futebol para casos de polícia*

**[\(El País, 04/06/2019 - acesse no site de origem\)](#)**

Desde que se transferiu para o PSG, a carreira de Neymar, ao contrário do que se imaginava após a negociação milionária, não para de amargar reveses. [Duas lesões](#) no quinto metatarso do pé direito, que contribuíram para eliminações do clube na Liga dos Campeões. A ruidosa [guerra de egos com Cavani](#). Suspensões por ofender árbitros e agredir um torcedor. Alvo de [chacota por causa das simulações exageradas](#) na última Copa do Mundo e perda da braçadeira de capitão na seleção. Agora, a menos de duas semanas da estreia do Brasil na Copa América, a já desgastada imagem pública do atacante, [acusado de estupro por uma mulher](#) que conheceu via redes sociais, sofre um novo baque.

Nesta segunda-feira, a Polícia Civil do Rio de Janeiro intimou o craque a prestar depoimento e anunciou a abertura de inquérito para investigar um possível crime de divulgação de imagens e conversas íntimas pelo jogador. Com intuito de rebater a acusação, Neymar publicou um vídeo de sete minutos no Instagram em que revelava parte do diálogo íntimo que havia mantido com a mulher [que ele levou a Paris](#) para um encontro casual. Na publicação, que foi excluída pela rede social depois de acumular quase 20 milhões de visualizações, há um trecho que mostra o nome da denunciante, além de imagens que revelam parte do corpo dela, desfocadas.

Para a advogada Giselle Truzzi, especialista em direito digital, Neymar teria cometido crime ao não respeitar a privacidade da mulher com quem se relacionou. “Apesar de ter borrado as imagens, ele pratica o delito por violar a intimidade de uma pessoa que não o autorizou a

compartilhar esse material. A questão não é somente o conteúdo, mas a exposição de forma indevida”, afirma advogada, citando o artigo 218-C do Código Penal, que considera crime o ato de “oferecer, trocar, disponibilizar, transmitir, vender ou expor à venda, distribuir, publicar ou divulgar, por qualquer meio, fotografia, vídeo ou outro registro audiovisual que contenha cena de estupro ou de [estupro de vulnerável](#) ou que faça apologia ou induza a sua prática, ou, sem o consentimento da vítima, cena de sexo, nudez ou pornografia”. A pena prevista é de 1 a 5 anos de prisão, que pode ser aumentada em até dois terços caso o autor tenha mantido relação íntima de afeto com a vítima ou com o fim de vingança e humilhação.

De acordo com Truzzi, para se defender, o jogador não precisava ter recorrido à exposição de conteúdo íntimo, ressaltando que ele ainda pode ser enquadrado no artigo 151 por violação de diálogo privado. Em entrevista ao programa *Aqui na Band*, da TV Bandeirantes, o pai de Neymar explicou que a intenção do filho ao divulgar a conversa era [proteger sua reputação](#) e [evitar o rótulo de estuprador](#) após a repercussão da denúncia. “Eu prefiro um crime de internet ao de estupro. Ele precisava se defender rapidamente para preservar o nome, a imagem. É melhor ser verdadeiro e mostrar o que aconteceu.”

Paralelamente ao inquérito que apura a conduta de Neymar no vídeo de autodefesa, a Polícia Civil de São Paulo também investiga a denúncia de estupro que consta no boletim de ocorrência registrado na última sexta-feira. Segundo o relato da mulher, que teve sua identidade preservada pelas autoridades, um amigo do jogador teria intermediado o encontro no hotel Sofitel Paris Arc Du Triomphe. Na ocasião, ainda segundo o inquérito policial que corre em sigilo, Neymar estaria embriagado, demonstrando comportamento violento, e teria forçado a suposta vítima a praticar ato sexual. O atleta, por sua vez, argumenta que a relação foi consensual. A equipe de advogados constituída pelo atacante acredita que o arquivo de [troca de mensagens no Whatsapp](#) será suficiente para atestar a inconsistência da acusação, já que ambos conversam normalmente um dia depois da data (15 de maio) em que a mulher diz ter sido estuprada, e provar a inocência de Neymar. “O que aconteceu em um dia foi uma relação entre homem e mulher, dentro de quatro paredes, algo que acontece com todo casal”, afirmou o jogador no vídeo postado no Instagram.

A situação da principal estrela do time cai como um barril de pólvora sobre o [ambiente da seleção brasileira](#) na Granja Comary. Assim como o staff de Neymar, que teme uma reação negativa de patrocinadores e empresas parceiras de eventos promovidos pelo jogador, a comissão técnica e a cúpula da CBF movem esforços para minimizar danos à sua imagem e agilizar o desdobramento dos processos sem afetar a agenda de preparação para a Copa América. O Brasil estreia no torneio no próximo dia 14, mesma semana em que o craque deve ser ouvido na Delegacia de Repressão a Crimes de Informática do Rio de Janeiro.

No momento em que o técnico Tite concedia entrevista coletiva, viaturas de policiais que entregaram a intimação ao atacante estacionavam em frente ao centro de treinamentos em Teresópolis. O treinador tentou se esquivar dos questionamentos sobre o caso, mas deu um recado em sinal de alerta ao dizer que [o camisa 10 não é insubstituível](#) e evitou isentá-lo da acusação de estupro. Por outro lado, companheiros de seleção, como Fernandinho, saíram em defesa do jogador. “Os fatos apresentados são de estranheza, pareceu algo premeditado. Tenho certeza que Neymar vai provar ser inocente”, declarou o volante.

O leque de apoiadores do atacante, ainda que a investigação da denúncia esteja em sua fase inicial, também é engrossado por amigos mais próximos, como o *parça* Gil Cebola, que compartilhou o vídeo de um influenciador que desqualifica a acusação da mulher. “Falando no

Neymar, aparentemente ele se relacionou com a pessoa errada”, destaca o post. No sábado, quando o registro da ocorrência foi publicado pelo portal Uol, [Neymar pai](#) já havia participado de outro programa na TV Bandeirantes para defender o filho. Durante entrevista por telefone ao [apresentador José Luiz Datena](#), ele afirmou que o jogador caiu em uma armadilha. “Não houve estupro. Ele percebeu que era armadilha e caiu fora.” O pai relatou que a denunciante gravou um vídeo, ainda não divulgado, do encontro com Neymar.

Além de ter quebrado o sigilo processual e revelado o nome da mulher, Datena tomou partido de Neymar com [declarações machistas](#). “Você vai falar com o moleque pra não sair com mulheres? Não transar, não ir a festas? É difícil você segurar a menina dentro de casa”, partindo do pressuposto de que a mulher que registrou a queixa contra o craque de 27 anos mente sobre a acusação. O apresentador ainda se disse injustiçado pelo processo que responde [por assédio sexual a uma ex-colega de trabalho](#), comparando seu caso ao de Neymar ao dizer que “todo mundo exposto a isso”. Ainda aproveitou a situação para reclamar que havia sido condenado pelo Superior Tribunal de Justiça por danos morais depois de ter acusado um homem – que foi inocentado pela Justiça – de estupro no programa. Afirmou que recorrerá da decisão.

Em outra atração de TV, às vésperas da Copa do Mundo de 2014, Neymar, que havia reatado [relacionamento com a atriz Bruna Marquezine](#), também já tinha expressado o machismo ao detalhar seu critério de seleção para uma parceira ideal. “Quando escolho mulher, não vou escolher aquela saidinha. Nem vou olhar pra ela. Eu sou um cara que gosta da conquista, da coisa mais difícil, sempre”, disse ao programa *Domingão do Faustão*, na Globo. Hoje, no centro de um escândalo que pode levá-lo [ao banco dos réus](#) no momento mais delicado de sua carreira, as declarações do jogador, somadas ao teor das mensagens íntimas, reforçam o desprezo pela figura feminina em um ambiente dominado pelos homens.

*Breiller Pires*

---

## [Caso Neymar: Como uma vítima de crime sexual fora do país deve proceder](#)

*A promotora Silvia Chakian explica como devem ser os próximos passos da investigação sobre a acusação de estupro feita por uma mulher nesta semana contra o jogador brasileiro e como uma vítima de assédio sexual fora do país deve proceder nestes casos*

**[\(Marie Claire, 03/06/2019 - acesse no site de origem\)](#)**

O jogador Neymar está sendo acusado de estupro por uma mulher de 26 anos. Ela registrou um Boletim de Ocorrência em São Paulo na sexta-feira (31). O crime, segundo ela, teria ocorrido em um hotel em Paris, na França, no dia 15 de maio. Em seu perfil no Instagram, o atacante publicou um vídeo no sábado (1º) se defendendo da acusação e dizendo ser vítima de extorsão.

A promotora de justiça e colunista de Marie Claire, Silvia Chakian, explica como uma mulher vítima de violência sexual fora do Brasil deve proceder. “Se a mulher denunciar no país onde ela está, tudo ocorre por lá, tanto exames quanto investigação. Se a vítima decidiu registrar quando ela chega no Brasil, os exames podem ser feitos aqui, com a observação de que quanto mais tempo demorar, será pior para a investigação, pois os vestígios desaparecem. Porém, não há um limite de dias imposto pela lei, mas o quanto antes é melhor para o inquérito”.

Para se defender da acusação de estupro, o camisa 10 da Seleção Brasileira divulgou conversas íntimas entre ele e a mulher. O vídeo foi excluído do perfil do Instagram na manhã desta segunda-feira (3) e, [segundo Neymar da Silva Santos, pai do jogador, foi a própria rede social que eliminou a publicação](#). “Não tínhamos escolha. Eu prefiro um crime de internet a de estupro. Foi o Instagram que tirou [o vídeo das conversas]. Pelas regras do Instagram estava normal. Ele preservou a imagem, o nome. Ele precisava se defender rapidamente. É melhor ser verdadeiro e mostrar o que aconteceu”, disse o empresário em entrevista ao programa *Aqui na Band* nesta manhã.

A divulgação da conversa íntima entre Neymar e a mulher que o acusa de estupro não é suficiente para afastar as investigações, segundo a promotora Silvia Chakian, especialista em violência contra a mulher. Ela afirma que o Ministério Público deve entrar no caso com uma ação civil pública e que o processo deverá seguir em sigilo de justiça.

“O fato de um casal acordar um encontro íntimo não significa que a mulher queira ter relação. Essa é uma investigação delicada, precisa ver se tem marcas, fazer exame de corpo e delito. A palavra dela deve ser valorada”, afirma a promotora. “Não é porque houve encontro marcado que havia consentimento para toda e qualquer prática sexual. Isso precisa ser analisado com cautela. Agora não dá pra afastar nenhuma linha de investigação”, completa.

Outra dúvida sobre a estratégia de defesa do jogador é se ele cometeu crime ao divulgar imagens de nudez da suposta vítima de estupro em seu Instagram. Para a promotora, a divulgação da conversa e das imagens constitui parte da estratégia de defesa, apesar de que no vídeo aparece o nome da mulher, caso contrário e, a princípio, não configuraria crime.

“Não havendo a identificação não há crime. Se um cara está sendo acusado de um crime desse, que é hediondo, isso será usado como defesa. A divulgação das imagens da vítima sem o consentimento, como crime, tem o intuito de vingança, exposição”, diz a promotora.

“É muito cedo e precipitado para dar afirmações contundentes. Não podemos estigmatizá-lo como estuprador, assim como dizer que ele praticou o crime 218-C. Também acho absurda a análise de reputação da vítima, que tem sua imagem colocada como ‘vagabunda’ e ‘oferecida’, sabemos que a mulher sempre é colocada nesta posição. Mas, sem a investigação ter avançado não podemos afirmar nada, se houve ou não estupro”, afirma Silvia.

De acordo com o Extra, a Polícia Civil do Rio vai investigar Neymar por ter divulgado as fotos íntimas da mulher que o denunciou por estupro. Além das fotografias, o jogador também mostrou que possui vídeos íntimos que, segundo ele, foram enviados pela mulher que o denunciou. Ele, no entanto, não chega a exibir as filmagens para os seguidores.

É crime previsto no artigo 218-C do Código Penal “oferecer, trocar, disponibilizar, transmitir, vender ou expor à venda, distribuir, publicar ou divulgar, por qualquer meio - inclusive por meio de comunicação de massa ou sistema de informática ou telemática -, fotografia, vídeo ou outro registro audiovisual que contenha cena de estupro ou de estupro de vulnerável ou que



faça apologia ou induza a sua prática, ou, sem o consentimento da vítima, cena de sexo, nudez ou pornografia”. A pena prevista para o crime é de um a cinco anos de prisão.

Além disso, Silvia reitera que o jogador não é um réu comum e que está sendo rechaçado publicamente. “Ainda há muita prova a ser produzida. Ele não pode identificar a vítima, não pode expor imagens de nudez. Ele parece orientado por advogados e essa conduta vai ser analisada posteriormente”.

*Maria Laura Neves e Priscilla Geremias*

---

## **Sobre Zúñiga, Neymar e “macacos”, por Eliane Brum**

**(El País, 07/07/2014)** O zagueiro Juan Camilo Zúñiga entrou bruto com o joelho nas costas de Neymar. Era um jogo duro e a seleção brasileira também já tinha protagonizado entradas fortes sobre membros adversários. De lado a lado, se acertava mais do que a bola, como não é raro acontecer em partidas decisivas. Se pode criticar a arbitragem, reivindicar que a Fifa dê uma punição ao jogador colombiano, sentir fundo a tragédia de Neymar, que passa a ser a de um país inteiro. O que não deveria poder é o que aconteceu na sequência. Pelas redes sociais, brasileiros chamaram Zúñiga de “preto safado”, pediram sua morte e xingaram sua filha pequena de “puta”. Nos últimos anos, vários jogadores brasileiros foram chamados de “macacos” por torcidas de outras nacionalidades. Na sexta-feira (4), eram brasileiros aqueles que, na internet, colaram num colombiano a expressão racista.

Não deveria acontecer, mas aconteceu. E aconteceu no dia em que os capitães dos times que disputaram uma vaga para a semifinal leram um manifesto da campanha contra o racismo: “Rejeitamos qualquer tipo de discriminação de raça, orientação sexual, origem ou religião. Através do poder do futebol, podemos ajudar e livrar o nosso esporte e a nossa sociedade do racismo. Assumimos o compromisso de perseguir esse objetivo e contamos com você para nos ajudar nesta luta”. Depois do hino, brasileiros e colombianos posaram para fotógrafos e cinegrafistas com uma faixa: “Say no to racism” (“Diga não ao racismo”).

E então a jogada bruta do campo expôs a brutalidade infinitamente maior fora do campo, aquela que trespassa a sociedade brasileira há séculos - e atravessa o futebol que encantou o mundo. O futebol é fascinante também porque, ao mesmo tempo em que suspende as tensões ao criar sua própria linguagem, as revela pela mesma razão. De repente, a “Copa das Copas” expôs o Brasil dos linchamentos, o Brasil que botou a polícia militar para barrar a entrada de jovens das periferias nos shoppings na virada do ano, o Brasil em que um adolescente negro foi preso a um poste pelo pescoço com uma trava de bicicleta.

Não tenho instrumentos para medir o alcance dessa reação racista. Torço para que seja minoritária. Mas é significativo que se destaque nos sistemas de busca. A palavra que se escolhe para agredir alguém não é casual, ela sempre diz muito mais de seu autor do que daquele que ele pretende ofender.

A certa altura, na noite após o jogo, pessoas no Twitter começaram a postar: “Por favor, não coloquem as palavras ‘Zúñiga’ e ‘preto’ no buscador. É pelo bem de vocês”. Ao escrever as duas palavras, aparecia o pior. Em uma foto postada no Instagram do jogador, sua filha pequena escreve na areia: “Papi te amo”. A menina e sua mãe são ofendidas, até de estupro se fala, como costuma acontecer com as mulheres.

Esses torcedores parecem esquecer dos tantos negros da seleção brasileira, assim como do maior de todos eles, Pelé. Ou mesmo de Neymar, já que, se a questão é de “cor”, o herói abatido está longe de ser branco. Parecem esquecer de olhar para si mesmos. Para eles, possivelmente, seja difícil ver. Ver e reconhecer-se.

Quem chama Zúñiga de “macaco” nas redes sociais demonstra uma enorme ignorância, em todos os sentidos do que é ignorância – e também sobre o futebol do Brasil. Em seu belíssimo livro, “Veneno Remédio – o Futebol e o Brasil” (Companhia das Letras), José Miguel Wisnik recorda que, ainda nos anos 30 do século 20, Gilberto Freyre dizia que o modo brasileiro de jogar convertia o “jogo britanicamente apolíneo” em “dança dionisíaca”, incorporando à sua técnica “o pé ágil mas delicado” do capoeira e do dançarino de samba. Freyre disse também que o futebol europeu, reto e anguloso, ganhou, no Brasil, contornos sinuosos e curvilíneos que arredondam e adoçam o jogo. Era a celebração da mestiçagem do país que ganhava – talvez – sua melhor expressão na linguagem dos pés.

O futebol começou no Brasil com os brancos, em clubes de elite. Sobrava aos negros as bolas de meia ou de qualquer material que se arredondasse, nos campinhos e nas ruas, nas margens. E foram nestas sobras que se agigantaram, subverteram o futebol dos ingleses, criaram uma poética. Demoraram a ser primeiro recebidos pelas portas dos fundos, depois tolerados e por fim aceitos e aclamados. Mas a tensão persiste apesar das décadas. Expressa-se como um corte no momento em que, seja na arquibancada ou na arena de vale-tudo das redes sociais, um jogador negro é chamado de “macaco”.

Então, por um rasgo no tempo, lembramos que o racismo ainda é uma marca terrível, escavando abismos na sociedade brasileira. Abismos que também se desvelam na brancura da torcida dentro dos estádios da Copa, contrastando com os negros que recolhem as latinhas na parte externa, restos de uma festa em que sobram nas margens. Ou limitam-se a assistir ao desfile da elite de seu país pelos portões das “arenas”, reafirmando o seu lugar no lado de fora.

É cheia de drama e de vergonhas a entrada dos negros nos clubes de futebol do Brasil. Alguns, como o grande Friedenreich, o mulato com sobrenome alemão, esticava o cabelo, usava gorros. Esbarrou sempre no preconceito da elite, preocupada com a imagem do país no exterior, empreendendo grandes esforços para esconder os negros do futebol brasileiro. Em 1920, quando a seleção visitou Buenos Aires, um jornal local provocou o elenco brasileiro chamando os jogadores de “macaquitos”. É possível, mas não há certeza, que esta tenha sido a primeira vez que a palavra foi usada para expressar a discriminação racial no campo do futebol brasileiro.

Outro que demonstrava a força dessa violência era o mulato Carlos Alberto, ao encher a cara de pó-de-arroz. “Não podia enganar ninguém, chamava até mais atenção”, descreve o cronista Mario Filho. “O cabelo de escadinha ficava mais escadinha, emoldurando o rosto, cinzento de tanto pó-de-arroz. Quando o Fluminense ia jogar com o América, a torcida de Campos Sales caía em cima de Carlos Alberto: ‘Pó de arroz! Pó de arroz!’”.

Depois que os negros passaram a jogar nos clubes, pela razão irremovível de que eram

melhores, tinham espaço no campo, mas não na vida construída ao redor do futebol, como os saraus dançantes das casas finas. A certa altura, os negros eram chamados na crônica esportiva de “colored”, porque “preto” era um palavrão. A palavra inglesa buscava escamotear o que ainda envergonhava os brancos chiques: depender de negros para colecionar vitórias.

Toda essa saga de resistência, invenção e talento está lindamente contada no livro seminal de Mario Filho, “O negro no futebol brasileiro” (Mauad X), que todos os brasileiros deveriam ler, assim como qualquer pessoa que se interesse pelo país ou pelo futebol ou por ambos. Quando Leônidas da Silva, o famoso Diamante Negro, e Domingos da Guia se tornaram fenômenos de popularidade, carregavam com eles toda uma história brutal e fascinante que, ainda hoje, está longe de acabar. E que ficaria marcada depois no “Maracanazo”, o suposto trauma que ainda persistiria no Brasil atual, por ter perdido a Copa para o Uruguai, em 1950. Jogadores negros e especialmente Barbosa, o goleiro, foram escolhidos como culpados pela derrota, numa vitória que foi comemorada antes do jogo. Pagaram uma enormidade por algo que avançava muito além deles e do Maracanã. Com a vida para sempre assinalada, Barbosa apontado na feira, na praia, na rua como aquele que “tinha feito o Brasil chorar”.

O futebol festejado nesta Copa do Mundo de 2014 no Brasil é este, em grande parte moldado por negros que “roubaram” a bola e subverteram a narrativa. É também por este futebol que parte do país suspira, ansioso para tê-lo de volta. O futebol da ginga e do encantamento que também nos fez quem somos – mas sem saber hoje se ainda somos. Para Mario Filho, Pelé completou a obra da Princesa Isabel, (que assinou a abolição da escravatura). Mas a cada dia a realidade insiste em reeditar a certeza de que a abolição no Brasil jamais foi completada.

É o que acontece quando Zúñiga é chamado de “macaco” ou de “preto safado” por torcedores brasileiros porque entrou forte em Neymar, numa partida toda ela forte. Aqui, aparece ainda mais ignorância, sobre uma outra narrativa brutal, a do futebol na Colômbia. Essa geração, a de James Rodríguez, Cuadrado e Zúñiga, assinala uma travessia em curso no seu país, ainda com imensas fraturas. O presidente recém reeleito, Juan Manuel Santos, que estava no Castelão para assistir ao jogo, ganhou apertado com a bandeira de continuar negociando com as Farcs (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia). A geração anterior de futebolistas entrava em campo sob os gritos das torcidas, que os chamavam de “narcotraficantes”.

James, Cuadrado e mesmo Zúñiga encarnam uma possibilidade, um novo, na simbologia em construção de uma Colômbia que tenta fazer do futuro um presente. Quando ignorantes pedem a morte de Zúñiga – ou “a ele o mesmo destino de Escobar” – estão incitando um crime. Há 20 anos Andrés Escobar foi assassinado em Medellín dias depois de ter feito um gol contra na Copa do Mundo nos Estados Unidos. Vomitar a ignorância, também de um processo histórico, clamando pela morte de Zúñiga nas redes sociais – esta sim, uma maldade explícita – é uma covardia monumental.

Talvez não saibam o que fazem, mas deveriam saber. Está na hora de a “pátria de chuteiras” entender mais de futebol.

*Eliane Brum é escritora, repórter e documentarista. Autora dos livros de não ficção Coluna Prestes – o Averso da Lenda, A Vida Que Ninguém vê, O Olho da Rua, A Menina Quebrada, Meus Desacontecimentos e do romance Uma Duas.*

Acesse o PDF: [Sobre Zúñiga, Neymar e “macacos”](#)

---

## Uma princesa de cabelo black power luta contra o racismo, por Eliane Trindade

**(Folha de S.Paulo, 06/05/2014)** “Caro Fausto Silva, nosso cabelo não é vassoura. Não é bombril. Não é ruim nem o secamos numa ventania.” Do alto de seu 1,81 m alongados pela cabeleira black power, a promotora de eventos Tati Braga respondeu assim, em seu perfil no Facebook, ao apresentador da Globo.

Diante de reações como essa nas redes sociais, Faustão foi forçado a se explicar sobre seu comentário em relação ao visual “vassoura de bruxa” de Arielle Macedo, dançarina da funkeira Anitta, feito em 20 de abril.

Era o início de uma polêmica que correu em paralelo a outra, também midiática, sobre racismo: o jogador Daniel Alves comendo uma banana em resposta ao gesto ofensivo de um torcedor em partida do Campeonato Espanhol, seguida da controversa campanha #somostodosmacacos.

Nesse meio de campo minado, a jovem de classe média alta e moradora de Higienópolis, bairro nobre de SP, dá uma banana para a chapinha (e todas as formas de alisamentos), ao assumir os fios naturalmente crespos. Um gesto de afirmação de sua identidade negra.

A “brincadeira”, como justificou o apresentador em rede nacional, é do mesmo tipo que Tati encara vida afora, em ambientes tão díspares quanto a escola da filha e os salões sofisticados onde circula com o marido, o italiano Diego Tomassini, responsável pela representação brasileira do Ministério do Meio Ambiente da Itália e diretor do Departamento de Relações Internacionais e Comércio Exterior da Fiesp (Federação das Indústrias de SP).

### **EM PRIMEIRA PESSOA**

A seguir, o relato em primeira pessoa de uma mulher negra de 27 anos, nove deles desfilando pela vida com uma “coroa que lembra cotidianamente suas raízes, tão fortes quanto o orgulho de ser negra”:

“Eu costumo dizer que sou da época pré-chapinha. Assumir meu cabelo foi um processo complicadíssimo. Até os 18 anos, fazia todos aqueles alisamentos químicos e passava horas no cabeleireiro esticando os fios na escova.

Desde criança, aprendemos que nosso cabelo é feio. Me falavam: ‘Você tem que abaixar, domar a juba’. Sofria bullying, que ainda não tinha esse nome. Na escola era sempre aquela coisa: ‘Seu cabelo é ruim’.

Quando me olhava no espelho, via outra pessoa. Como no filme ‘Preciosa’, no qual a protagonista se imaginava loura, branca e magra. O seu oposto. Eu sonhava em ser Paqueta.

Como elas eram todas loiras, queria pintar meu cabelo de amarelo. É a negação do que você é.

Passei a cultivar os meus cachos quando descobri pela internet um coletivo do Rio de Janeiro chamado Meninas Black Power. Elas fazem um trabalho de empoderamento com garotas negras e vão às escolas para captar meninas de 10, 11 anos que já começam a alisar, para dizer que elas podem ser lindas com seus fios cacheados.

## **PRINCESA ANGOLANA**

Se nós negras não começarmos a nos gostar e achar nosso cabelo lindo, ninguém vai fazer isso.

Eu ensino isso para meus três filhos. Ana tem cinco anos, e o cabelo no meio das costas, todo ondulado. Outra dia, numa festa da escola, falaram pra ela que não havia nenhuma princesa com o cabelo ruim como o dela. Ela chegou em casa dizendo que queria cortar os cachos. Falei que eles eram lindos e quem tem de gostar é ela.

No dia seguinte, Ana foi pra escola novamente com o cabelo solto e, quando falaram de novo, ela respondeu: 'Eu sou uma princesa angolana'. Ela é bem clarinha e tem cabelo meio lourinho, mas se assumiu.

A forma como eu lido com o meu cabelo é um exemplo pra ela. É aquela coisa, vou ao salão fazer a unha e o cabeleireiro vem enlouquecido: 'Tem uma escova divina, que vai te deixar com um cabelo lindo'. Digo: 'Não, obrigada. Gosto assim, quanto mais volume melhor'.

De um outro, ouvi: 'Você viu os cachos comportados da Taís Araújo?' Eu respondo: 'Você quer dizer do aplique dela'. Na época de 'Cobras e Lagartos', a atriz fez uma química para aparecer loura e o cabelo dela caiu. Ela usou turbante quase a novela toda. No final, apareceu com o cabelo curtinho e cacheadinho. Aconteceu o mesmo com Naomi Campbell, que foi ficando careca e hoje usa peruca.

## **EM TERRA ESTRANHA**

Eu sou a única negra do meu prédio na avenida Higienópolis. Logo que mudei, tinha que me identificar sempre na portaria. Até que um dia, eu repliquei: 'Não precisa avisar para eu subir para minha casa'. No elevador, uma vizinha já me ofereceu emprego: 'Estou precisando de uma mocinha lá em casa'. É aquela coisa de eu só poder entrar naquele tipo de prédio onde moro como funcionária.

Quando nós reclamamos de situações como essas dizem que entendemos errado. As pessoas não percebem que são racistas nem se assumem como tal.

## **SALADA RACIAL**

Minha família é uma salada. Por parte de pai, minha avó era descendente de italianos. Minha bisavó materna era escrava reprodutora, que teve 20 e tantos filhos e fugiu para um quilombo.

De lá, ela veio para São Paulo, onde nasceu minha avó, que se casou com um homem branco, descendente do dono da minha trisavó.

Por isso, tenho a pele e olhos mais claros. As filhas da minha avó são todas brancas, enquanto os filhos, todos negros. Quando saía com as meninas pensavam que ela fosse a babá.

Recentemente, estava com os meus filhos na praça Buenos Aires, aqui no bairro, e acharam o

mesmo. Ao responder que sou a mãe, já ouvi absurdos: 'Que sorte seus filhos terem saído clarinhos'. É muito cruel.

Trocar essas experiências na internet vai nos fortalecendo. É aquele sentimento: 'Não estou sozinha'. Achei a minha turma. Temos também as Blogueiras Negras, o portal Geledés, do Instituto da Mulher Negra. Hoje, é possível encontrar vídeos com tutoriais de como tratar o nosso cabelo em casa. Outros ensinam a fazer turbante.

## **ATO POLÍTICO**

Daniel Alves pegar a banana e comer em campo é um ato de resistência. Quando alguém te chama de macaco, ou você vira e dá um tapa na cara ou ignora. É como se ele tivesse dado um tapa na cara da torcida racista.

O problema é não ter o mesmo alvoroço quando houve um caso de racismo com um árbitro no Rio Grande do Sul. Nem quando chamaram Joaquim Barbosa de macaco pelo Twitter. E olha que o cara é o presidente do Supremo Tribunal Federal.

Por isso, a militância deve ser cotidiana. Muitas meninas negras ainda não entendem que assumir o cabelo 'vassoura de bruxa' é também um ato político e um modo simbólico de dizer: 'Eu existo e vocês vão ter que me encarar'. Pela minha experiência, aceita que dói menos."

## **ALÉM DO INSTAGRAM**

Coordenadora do projeto Imprensa e Racismo da Andi (Agência Nacional dos Direitos da Infância), a jornalista Maria Carolina Trevisan também foi instigada a falar sobre a campanha #somostodosmacacos. Seu comentário no Facebook teve 120 compartilhamentos e foi republicado em sites ligados ao movimento negro.

"O racismo é complexo, está arraigado na nossa cultura e não pode ser resolvido no Instagram", criticou, diante da enxurrada de fotos de famosos, entre elas dos apresentadores Luciano Huck e Angélica. O casal foi um dos primeiros a apoiar o chamado de Neymar, que postou no seu perfil uma foto com uma banana, ao lado do filho.

O atacante, colega de Dani Alves no Barcelona, desencadeava assim uma campanha publicitária encomendada por seu pai à agência Loducca para reagir ao preconceito do qual passou a ser vítima nos gramados europeus. O mesmo Neymar que, em 2010, declarara nunca ter sofrido racismo, "até porque eu não sou preto".

O publicitário Guga Ketzer negou, em entrevista ao site da "Veja", que o movimento tivesse sido orquestrado. "O Neymar [que está contundido] ia comer [a banana em campo], mas como foi o Dani, maravilha também", afirmou. E disse que desmerecer o movimento pelo fato de ter uma agência por trás é tão preconceituoso quanto o torcedor que joga a banana. "Por que não pode haver ajuda profissional?"

## **RACISMO MATA**

Em entrevista ao "Altas Horas", da Globo, Daniel Alves declarou que um detalhe da campanha não o agradou: "Eu não gosto muito do #somostodosmacacos, porque acho que a gente é a evolução disso. Somos humanos e todos iguais. Acho que é isso que devemos defender".

Carolina Trevisan vê diferenças entre o gesto espontâneo e a adesão a uma campanha sem o devido engajamento. “Uma coisa é Dani Alves comer a banana –pela primeira vez um jogador se manifestava durante uma partida. Outra coisa é nós, brancos, posarmos com a fruta. Se cada um que postou essa imagem se vigiasse para sacar quando o seu próprio racismo aflora, seria um passo.”

A jornalista ressalta que o futebol brasileiro levou 31 anos para aceitar negros em suas equipes. Antes disso, os jogadores tinham que passar pó de arroz para embranquecer a pele e entrar em campo. E conclui: “Se você é branco e quer ter uma atuação legítima, é necessário cuidado, delicadeza, humildade, escuta e, principalmente, muito respeito. Porque o racismo reproduz uma dor enorme. O racismo mata.” E dói, como relata a princesa black power de Higienópolis.

**Acesse no site de origem:** [Uma princesa de cabelo black power luta contra o racismo \(Folha de S.Paulo, 06/05/2014\)](#)